

EXTRA CTOS DO RELATÓRIO APRESENTADO À QUARTA  
COMISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS A 12/12 DE 1962

"...Estamos aqui como representantes do povo africano da Guiné "portuguesa" e de Cabo Verde. O nosso povo confia plenamente no nosso Partido, o P.A.I.G.C., a organização que o mobilizou e organizou para a luta de libertação nacional, para a difícil tarefa de liquidação no nosso país do colonialismo português. O nosso povo está, como o sabeis, amargado pela total ausência de liberdades fundamentais e pela repressão colonial portuguesa. Considera como seus legítimos representantes, com direito e dever de falar em seu nome, aqueles que, nos últimos quinze anos da história da África, têm defendido os seus interesses sob todas as formas possíveis e têm tido como missão fundamental da sua vida a de conduzir o nosso país à libertação total do jugo da dominação colonial estrangeira.(...)"

"...Não estamos aqui para ~~xxxxxx~~ fazer propaganda nem para arrancar resoluções de condenação do colonialismo português. Estamos aqui para trabalhar convosco no sentido de obter uma solução concreta dum problema que é tanto nosso como da própria O.N.U. - a libertação urgente do nosso povo do jugo colonial.

Não viemos aqui para atacar com palavras o colonialismo português. Estamos fartos de atacar e de ouvir atacar e condenar o colonialismo português, cujas características, subterfúgios, processos e actos são sobejamente conhecidos da O.N.U. e da opinião mundial.

Viemos aqui para, na base da situação concreta do nosso país e apoiados nas leis internacionais, encontrar convosco, inclusivé com a própria delegação portuguesa, o caminho mais curto e mais eficaz para a liquidação urgente do colonialismo português na Guiné e em CABO VERDE.

Para nós - para o nosso povo e para o nosso Partido - sou a hora de acabar com as indecisões e promessas, de tomar decisões definitivas e de realizar actos concretos. Consentimos já sacrifícios e danos, mas estamos decididos a novos sacrifícios para reconquistarmos a nossa liberdade e dignidade de homens, seja qual for o caminho a seguir.(...)"

"... Não é por acaso que só agora considerámos indispensável a nossa presença aqui. Para agir, mormente no âmbito dos problemas que nos trouxeram aqui, são necessários meios : meios legais, humanos e materiais. Ora no decurso dos últimos anos, tais meios têm vindo a acumular-se, tanto para a O.N.U. como para o nosso povo na luta. Estamos convencidos de que chegou o momento de agir e de que as Nações Unidas e o nosso povo podem na realidade agir.

Para tal, pensamos que uma colaboração estreita e eficaz é indispensável. Nós temos o dever e o direito de ajudar a O.N.U. para que ela nos ajude conquistar a nossa liberdade e independência nacional. A nossa ajuda reside principalmente na informação concreta sobre a situação do nosso país, na definição clara da nossa posição, na apresentação de propostas concretas para a solução do nosso caso.(...)

"... Mas a Resolução sobre a descolonização não engajou apenas Portugal e o nosso povo a liquidar a dominação colonial no nosso país. Ela engajou a própria O.N.U. a fazer tudo por liquidar a dominação colonial onde quer que ela ainda exista, para facilitar a acesso de todos os povos colonizados à independência nacional.

Estamos convencidos de que o Governo português não pode continuar impune na prática teimosa de um crime internacional. Estamos também convencidos de que a O.N.U. dispõe de todos os meios necessários para conceber e realizar medidas concretas e eficazes, tanto para fazer respeitar os princípios da Carta, como para impôr a legalidade internacional no nosso país e defender os interesses da paz e da civilização. (...)

"... Não estamos aqui a pedir que a O.N.U. envie tropas para libertar o nosso país do jugo colonial português. Talvez o pudessemos fazer, mas não cremos que isso seja necessário, porque estamos seguros de o poder fazer por nós próprios. Estamos a invocar um direito : o direito de obter a colaboração e uma ajuda concreta da parte da O.N.U. para abreviar a nossa libertação do jugo colonial e, assim, diminuir as perdas humanas e materiais que uma luta longa pode exigir.

Nós não estamos apenas conscientes da legalidade da nossa luta : estamos hoje conscientes de que, lutando por todos os meios pela li-

berdade do nosso país, lutamos em defesa da legalidade internacional, pela paz, ao serviço do progresso da humanidade.

A nossa luta perdeu o seu carácter estritamente nacional para se projectar no campo internacional. No nosso país trava-se hoje, sob diversas formas, a luta do progresso contra a miséria e o sofrimento, da liberdade contra a opressão. Se é certo que as vítimas dessa batalha não podem ser senão os filhos do nosso povo, não é menos verdade que cada companheiro nosso que sucumbre à tortura ou tomba sob as balas da metralha colonial portuguesa, se identifica, pelas esperanças e certezas que tras no coração e no cérebro, com todos os homens que amam a paz e a liberdade e desejam viver uma vida de progresso, em busca da felicidade.

Nós não estamos a lutar apenas pela realização das nossas aspirações à liberdade e à independência nacional. Estamos a lutar - e lutaremos até à vitória - para que as resoluções e a Carta das Nações Unidas sejam respeitadas.

Nas prisões, nas cidades e nos campos da nossa terra, trava-se actualmente a batalha entre a O.N.U. - que exige a liquidação do sistema colonial de dominação dos povos - e as forças armadas do Governo português - que pretende perpetuar esse sistema contra os legítimos direitos do nosso povo!(...)

"... Quando, no nosso país, um companheiro nosso sucumbe às torturas da polícia, é assassinado na prisão, e queimado vivo ou tomba sob as metralhas das tropas portuguesas, qual a causa por que deu a vida ?

Deu-a pela libertação do nosso povo do jugo colonial e, por isso mesmo, deu-a pela causa da O.N.U.. Lutando e morrendo pela libertação do nosso país, nós estamos, no contexto actual da legalidade internacional, a dar a nossa vida pelo ideal que a própria O.N.U. definiu na sua Carta e nas suas Resoluções, em particular, na Resolução sobre a descolonização.

Para nós, a única diferença que existe entre o soldado indiano ou o aviador italiano ou o funcionário suéco que é morto no Congo, e o nosso companheiro que é morto na Guiné ou em Cabo Verde reside no facto de que, estando no nosso próprio país ao serviço do mesmo ideal, nós somos os combatentes anónimos da causa da O.N.U.?(...)

"... Estamos convencidos de que chegou o momento de tomar consciência desta situação e de ~~mutuamente~~ modificá-la radicalmente. Ela não serve senão os inimigos da O.N.U. e, no nosso caso particular, o colonialismo português. Isso é claramente revelado pela desigualdade da nossa posição em relação à do colonialismo português no que se refere à mobilização dos meios materiais necessários ao prosseguimento do nosso combate."(...)

"... 7. Propostas

Na base da nossa confiança nesta organização e na influência que alguns dos seus componentes podem ter sobre a atitude do Governo português, partimos do princípio da viabilidade de uma das duas primeiras alternativas e, por isso, apresentamos as propostas seguintes :

a) Para a primeira alternativa :

- Contacto imediato entre a delegação portuguesa e a nossa ;
- Consulta ao Governo português, para fixação de uma data próxima para abertura de negociações entre os seus representantes e os legítimos representantes da Guiné e Cabo Verde :
- até à realização das negociações, cessação dos actos de repressão por parte das forças coloniais portuguesas e de todas as acções por parte dos nacionalistas.

b) Para a segunda alternativa :

- Aceitação do princípio de que a ajuda da O.N.U. só seria verdadeiramente eficaz se realizada simultaneamente nos planos moral, político, financeiro e material ;
- Criação imediata, pela O.N.U., duma "Comissão Especial para a Autodeterminação e a Independência Nacional dos Territórios Administrados por Portugal" ;
- Iniciação imediata dos trabalhos dessa comissão antes do fecho da presente sessão da Assembleia Geral, para estudar as modalidades e os processos de ajuda a prestar <sup>tanto</sup> ao povo da Guiné e Cabo Verde como aos outros povos que lutam contra o colonialismo português.

Da nossa parte, estamos prontos a dar a melhor colaboração à comissão proposta ou a qualquer outro organismo da O.N.U. que tenha como missão ajudar concretamente o nosso povo a libertar-se urgentemente do jugo colonial."